

PEÇA DE TEATRO

“TUDO AO MESMO TEMPO”

Roteiristas: Gustavo Gonçalves, Maria das Graças Rojas Soto, Bruno Romagnoli

Personagens: Agricultor, empresário e cientista.

Cenário: 4 stands plotados, com 4 cenários distintos desenhados. Cenário 1: natureza em harmonia, com intervenção mínima do homem (apenas uma casa com uma pequena lavoura). Cenário 2: ambiente totalmente devastado, com rio poluído, cheio de fumaça, fábricas, árvores cortadas, prédios, automóveis, uma grande monocultura pulverizada por um avião (desagradável esteticamente). Cenário 3: só plástico, com tudo o que não se recicla em imagem caótica. Cenário 4: um ambiente intermediário, representando o desenvolvimento sustentável, com casas, carros e indústrias, mas também repleto de árvores, pequenas lavouras e um rio limpo e com mata ciliar preservada.

Duração: 20 minutos.

Cena 1: Agricultor está sentado, mordendo um capinzinho, pensando longe, enquanto a plateia se acomoda. Cenário 1.

Com a plateia acomodada, começa a fala.

Agricultor – Dia, gurizada! (ou Tarde!) Alguém aqui já morou na roça?? Vou contar procês, viu... é bão demais! Acorda com o galo, os passarim cantando... tira leite da vaca... Sai morninho, sabia? pega fruta do pé... às veiz vem taturana junto (risada)... tem que escolhe né... A gente toma um café bem forti e já vai pra roça. Ô trem bão a roça viu, fala proceis, eu amo cuidar da roça! Pranta o que a gente come, ve as prantinha cresce... É verdade que não muda muito... arroz, feijão, mio, mandioca, galinha, porco, verdura,... ah! E tem os peixe também! Que foi?? (rindo) tá dando fome, é? Mas tem tudo que a gente precisa pra ficar forte. Daí capinando torra no sol, molha na chuva. O tempo e a gente na lavoura vira a mesma coisa. Porque cuidá das planta e dos animais é que nem criança, tem que se todo dia. Daí no calorão, quem guenta, né... não faz ideia como é bão um riacho nessas hora, fresquinho ahhhh bom, a gente que trabalha na roça acorda e a roça taí, mas as criança que nem vocês pra ir pra escola... aí é outra história... tem que anda, anda e anda e ainda não chega... ô lonjura!! Inda bem que tem energia porque é isso todo dia, com chuva ou com sol. Você ia andar todo dia quase 2 hora pra ir pra escola? Fala a verdade, sô... é... tem umas coisa difícil...E quando o menorzinho ficô doente então! Foi mais de dia inté ir na cidade busca o remédio pro coitado.

Cena 2: No meio dessa fala o cientista entra e fica no outro canto do palco, escrevendo cálculos numa lousa, olha pra um cenário, olha pra outro. Não interage com o agricultor. São duas cenas distintas dividindo o mesmo palco. Em uma, o lavrador interagindo com a plateia, em outra, o cientista absorto em suas hipóteses quieto.

Cena 3: Passa reto pelo cientista um empresário e se dirige ao agricultor.

Empresário – Bom dia, meu senhor! desculpe a intromissão mas eu estava passando e ouvi sua conversa. E, desculpe minha sinceridade, mas isso não é vida! Seu trabalho é tão duro e o senhor não tem nada! Capinando todo santo dia nesse sol de rachar!

Agricultor – É... nisso vou ter que concorda com o sinhô, trabalho é muito. E tô pagando o remédio do guri até hoje!

(enquanto acontece esta conversa, a cada momento alguém passa pela plateia e deixa algum artefato eletrônico velho, reclamando rápido “ah esta porcaria não se ve mais!” , “não funciona!”, “quebrou!”, etc - a plateia vai ficando cheia de rádio de pilha velho, walkman, ferro de passar, liquidificador,... Quando a conversa acaba, a plateia está emporcalhada, assim como o cenário está morto.)

Empresário – Olha, ninguém merece viver nessa miséria! Eu tive uma ideia... Tenho uma proposta para o senhor! Vi que o senhor tem uns lotes de terra por aqui, não é mesmo?

Agricultor – Tenho sim sinhô, herança do meu falecido pai, que herdou do meu avô, e por ai vai, o sinhô sabe como é, né?

Empresário – Claro, claro! É realmente uma terra linda e rica, riacho, animais... Mas tudo isto pra sustentar só sua família, e o resto mato?? Terra à toa?? Isso é um pecado, já pensou nisso? Tem uma a cidade aqui perto crescendo cada vez mais. Precisamos de espaço!

Agricultor – Mas espaço pra quê? Já tem tudo naquela cidade sô! (em tom descontraído)

Empresário – Espaço para mais! Mais e mais e mais! Milho! Soja! Precisamos de soja! Loteamentos de condomínios, casinhas para as pessoas que podem vir trabalhar nessas lavouras, que serão grandes que o senhor nem pode imaginar!

Nesse momento o empresário começa a mudar o cenário 1 para o cenário 2, stand por stand conforme ele responde às perguntas do agricultor, até que todo o cenário seja o Cenário 2.

Agricultor – Pra que soja?

Empresários – Para alimentar os milhares de bois!

Agricultor – Que bois?

Empresário – Os bois que vamos criar aqui!

Agricultor – Pra que tanto boi!?

Empresário – Para alimentar os funcionários das fábricas!

Agricultor – Que fábricas, meu sinhô?!

Empresário – As fábricas que vamos construir aqui!

Agricultor – Por que aqui?

Empresário - porque o terreno é plano, perfeito pra fazer rodar os automóveis e as colheitadeiras. Boa para pista do avião também!

Agricultor (muito confuso) - Automóvel e colheitadeira??? Avião???

Empresário (delirante, olhando em torno) – Um rio! Um canal aí para escoar as mercadorias! Pense no remédio para seus filhos, o conforto para sua patroa! Escolas, mercados, hospitais, lojas, compras! Tudo muito perto!!! E o que é longe, o senhor vai de carro pelas estradas asfaltadas. E vai comer até o que só tem na Europa!! Melhor, que tal você sair da roça e vir trabalhar na minha fábrica?? Adeus sol cruel e trabalho pesado! Rico!! É como vai ficar! (vira para o agricultor, estendendo a mão). Fechado??

Agricultor (deslumbrado) – Fechado! (apertando a mão do empresário)

Empresário – Que ótimo! Fizemos um ótimo negócio! (Enquanto o empresário fala, ele, com ajuda do agricultor, deixa cair o último cenário, que agora está totalmente devastado e poluído!)

Cena 3: O empresário começa a andar sem parar, como um autômato, e com pressa pelo palco (movimentos em linhas retas). O agricultor se desloca como um zumbi pelo palco, olhar errático, chapéu na mão. O cientista passeia pelas placas de cenário, observa, faz intenção de movimento, mas é esbarrado pelo empresário que está automatizado, várias vezes. Enquanto vai andando, o cientista, mudo, vai trocando um a um os cenários, trocando-os pelo de plástico. Música incidental tocando nesta cena (Sugestão: Philip Glass – Akhnaten, Music from the Hours, Koyaanisqatsi).

Os três personagens congelam, viram p a plateia e agradecem. 2 segundos de Silêncio.

O Agricultor parece que acorda do estupor, põe o chapéu em sua cabeça, olha para plateia e para os outros em cena.

Agricultor – (tossindo) Mas que bagunça é esta!!! Isso aqui tá pior que o chiqueiro do meus porco! O rio fedido, cheio de peixe morto! Esse ar que nem é mais transparente! As comida tá com gosto esquisito! Isso não é vida, sô. E o sinhô tinha dito que a vida que eu tinha antes que era de miséria... Era essa então sua proposta de mundo feliz??

Cena 5: (enquanto acontece esta conversa, a cientista passeia vagorosamente entre os cenários, observando, pensando, em silêncio).

Empresário – Sinto muito, meu senhor! Também não queria nada disso! Mas são consequências do desenvolvimento!

Agricultor – Meu filho tá mais doente que nunca! Em casa todo mundo tosse agora, tem a tal de alergia que nunca se sabe do quê

Empresário – É, mas agora você tem farmácia perto para comprar remédio.

Agricultor – Tô trabalhando mais que nunca, mas com o dinheiro que eu ganho na fábrica eu tô conseguindo levar menos comida pra dentro de casa que antes!

Empresário – Bom, é que a terra já não produz como antes, os preços sobem, é o progresso.

Agricultor – (irritado) Isso aqui tá tudo errado!!! Não era pra ser assim. Só pra sabê: sua vida tá ruim que nem a minha também?

Empresário (coçando o pescoço) - Fazer o quê... (pausa) ou faz tudo como antigamente e fica atrasado, ou encara o progresso com tudo que vem junto. Não dá para ter tudo!

Entra a cientista confrontando o empresário:

Cientista – Dá, sim, pra ser diferente e bom ao mesmo tempo. (Dirige-se à plateia) Alguém aqui já ouviu falar em desenvolvimento sustentável? Ouviu? (pergunta aos demais atores)

Agricultor e empresário respondem ao mesmo tempo:

Empresário – Não!

Agricultor – Sim!

Cientista e empresário olham com cara de espanto para o agricultor.

Agricultor – Que foi, uai? Meu filho aprendeu na escola e mim ensinou!

Cientista – Como o senhor deve saber, desenvolvimento sustentável é o casamento entre o desenvolvimento, tão necessário na nossa vida, com a preservação da natureza! É um jeito de pensar e fazer as coisas para que nos tragam conforto e bem-estar, e não destruam o nosso ambiente.

Agricultor e empresário – Mas como fazemos isso?

Cientista – Vejam bem (a cada exemplo ela vira uma parte do cenário ainda devastado, para um cenário perfeito de ambiente em que o desenvolvimento e o meio ambiente estão em equilíbrio). O mundo tá grande, tem muitas pessoas... a agricultura, por exemplo, precisa alimentar uma população cada vez maior; mas tem outra forma de cultivar as plantas sem precisar usar agrotóxicos que, sim, matam a praga, mas também envenenam nossa comida, a terra e a água! Tem uma forma de plantar com controle de pragas, sem necessidade de uso de químicos, disto saem alimentos orgânicos, que não usam agrotóxicos. Outra coisa, extensas lavouras com um tipo só de alimento - soja, por exemplo - empobrecem o solo; cultivo de várias espécies - por exemplo, arroz, milho, soja e mandioca - ajuda a terra e, como precisa de propriedades pequenas, pode ser cuidado pelas próprias famílias. Ou seja, o agricultor trabalha e em sua própria terra, para seu próprio sustento, com técnicas melhoradas.

Agricultor – Assim eu posso continuar trabalhando na minha roça! (alegre)

Cientista – Hoje não tem mais como não ter indústria, a população cresceu muito, precisa de remédios, alimentos, roupas e carros... tudo isto é produzido em fábricas! Fora que as pessoas buscam também conforto. Mas para isto, não precisamos destruir o meio ambiente nem adoecer todo o mundo. As industrias podem ser sustentáveis também, cuidando com responsabilidade do lixo que geram e o destino certo para ele.

Empresário (ganancioso) – Com isso, eu tenho menos funcionários afastados por problemas de saúde, a produtividade aumenta...tô gostando...

Cientista – Todos gostamos das comodidades que o desenvolvimento nos traz! Remédios, hospitais, escolas, eletrodomésticos então... Hmmmm ... sapatos, brinquedos que pulam, dançam, rodopiam, ... fala! (para a plateia) do que você mais gosta da tecnologia? É, com o

desenvolvimento o emprego fica mais fácil, o dinheiro aparece, e nossa vida fica mais confortável e divertida! Mas do que adianta tudo isso se a natureza é sempre devastada?

Agricultor e empresário - Ei, peraí! (pensando) se a natureza é destruída pelo homem pra produzir coisas que fazem ele se sentir melhor, e o homem é ele mesmo da natureza... ei! Isso é como se a gente ficasse dando murro em si mesmo (dá socos em sua própria cara) pra ser feliz???

Cientista e empresário encaram a ele, mudos. Ele Olha para plateia: Creeeeedo, que esquisito!!

Cientista – (rindo) é isso mesmo, não faz sentido. Precisamos descobrir novas formas de produzir e de viver, já que as que temos usado não têm dado certo. (Para a plateia) Ou vocês acham que está tudo lindo assim? (aponta pra o cenário de plástico). Só que isso é algo que precisa de todos. (Para a plateia) O mundo não é de todos? Então, de todos, nós, cientistas, você, agricultor, você, empresário e vocês, que estão aí sentados! (Falando com a plateia) Aliás, vamos começar? (para a plateia) Nesta empreitada de melhorar nosso mundo ninguém mais pode mais ficar na sua, só olhando. Você! (para alguém da plateia) Como é seu nome? Fulano! Por favor pega o lixo que está perto de você e põe nessa lixeira, por favor. E você? Como é seu nome? Recolhe o que está a seu alcance, por favor. (O comando vai sendo dado cada hora por um (agricultor, cientista, empresário). Enquanto isso, os outros vão virando um e outro cenário. Assim até todos recolherem tudo. Na última peça recolhida se vira o último cenário que está inacabado – Cenário 4). (Sugestão de música: Primavera de Vivaldi, Vila la vida instrumental).

O Agricultor olha o cenário: eitaaaa! Ta raiando o sooooool !!

O empresário olha o cenário e fala: mil oportunidades!!!

O cientista olha o cenário e sorri. Vira para a plateia e fala: Daqui pra frente, o mundo é com a gente. Todos sabem colorir?